



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CURSO DE LETRAS CÂMPUS ARAGUAÍNA**

THALIA GOMES DA SILVA

O FEMININO NA OBRA JANELA DA LIBERDADE DE ELIOSMAR VELOSO

ARAGUAÍNA-TO

2021

THALIA GOMES DA SILVA

O FEMININO NA OBRA JANELA DA LIBERDADE DE ELIOSMAR VELOSO

Monografia foi avaliada e apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, câmpus universitário de Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de Graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abeirice da Rocha

ARAGUAÍNA/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586f Silva, Thalia Gomes da.
O feminino na obra Janela da Liberdade de Eliosmar Veloso. / Thalia
Gomes da Silva. – Araguaína, TO, 2021.
37 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.

Orientador: Pedro Albeirice da Rocha

1. Mulher. 2. Romantismo. 3. Regionalismo. 4. Machismo. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

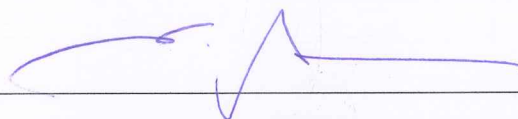
THALIA GOMES DA SILVA

O FEMININO EM *JANELA DA LIBERDADE*, DE ELIOSMAR VELOSO

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras, para obtenção do título de Licenciatura e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 28/07/2021.

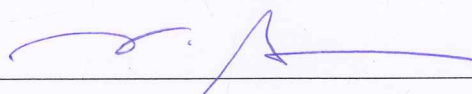
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha (UFT)



Prof. Dr. José Manoel Sanches da Cruz Ribeiro (UFT)



Prof. Esp. Maykon Dhonnes de Oliveira Cardoso (FACT/UNIESP)

Araguaína, 2021

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar pautas ligadas ao comportamento machista e patriarcal no romance *Janela da Liberdade*, destacando os pontos em que as personagens são submetidas às ordens e poder masculino. As reflexões aqui tratadas, colocam o trabalho com a intenção de compreender de maneira bibliográfica como a mulher vivia em sociedade, marcada pela ausência de liberdade e vontade própria. A pesquisa se propõe em expor através de uma obra literária, problemas sociais vividos por mulheres em séculos anteriores e em momentos atuais. Mostrando ainda como a imagem da mulher foi construída em relação à figura masculina fora e dentro dos romances e obras literárias. As teorias aqui utilizadas estão contribuindo para reafirmar os espaços que as mulheres não haviam ocupado anteriormente e destacar os avanços após as lutas por condições iguais. Utilizamos as contribuições e reflexões de teóricos como (FLORESTA, 1990), (RIBEIRO, 2020) e (SAFFIOTI, 1997). O livro é utilizado para ilustrar o cenário desvantajoso do qual a mulher esteve por anos, inclusive no romance.

Palavras-Chave: Mulher. Romantismo. Regionalismo. Machismo

ABSTRACT

This work aims to approach guidelines related to sexist and patriarchal behavior within the novel *Janela da Liberdade*, highlighting the points in which the characters are submitted to male orders and power. The reflections dealt with here place the work with the intention of understanding how women lived in society, marked by the absence of freedom and free will. The research proposes to expose, through a literary work, social problems experienced by women in previous centuries and in current times. It also shows how the image of women was built over time and in relation to the male figure outside and inside novels and literary works. The theories used here are contributing to reaffirm the spaces that women had not yet occupied and highlight the advances after the struggles for equal conditions, we use contributions such as (FORESTA, 1990), (RIBEIRO, 2020) and (SAFFIOTI, 1997). The book is used to illustrate the disadvantageous scenario in which the woman was, including within the novel.

Keywords: Women. Romanticism. Regionalism. Chauvinism

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:	8
2. O ROMANTISMO	10
2.1 O Romantismo no Brasil	10
2.2 O Ultrarromantismo	11
2.3 Literatura Regional do Tocantins	14
2.4 O romance Janela da Liberdade	17
3. A TRAJETÓRIA DA MULHER	20
3.1 A Mulher e o Patriarcado	20
3.2 Nísia Floresta e seu pensamento	22
3.3 Mulher: cama e mesa	24
4. A MULHER EM JANELA DA LIBERDADE	26
4.1 Visão Geral das Mulheres no Romance	26
4.2 Comentários em torno da personagem Amélia	29
4.3 A personagem Marta	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido na atualidade questões das quais se referem ao papel e figura feminina nos espaços da sociedade. Essas discussões, mesmo que necessárias e consideradas modernas, já estavam sendo expostas há muito tempo por meio da literatura. Ainda de forma tímida ou sem credibilidade a literatura destacava a posição que assumia a mulher em determinados contextos, épocas e inclusive nas obras e textos literários.

Nesse sentido, podemos afirmar as limitações e dificuldades das mulheres em seus discursos e posicionamentos mediante o que representava ou como era criada a imagem feminina no século XIX. Observamos até esse momento da literatura, mulheres em condições sociais e humanas nada satisfatórias. Como ilustração desse momento mencionado, temos na literatura a vida de Emma Bovary, personagem de Flaubert.

A construção do feminino e de como deveria se comportar a mulher naquela sociedade vai sendo construída na obra, Emma se permite a rendição de se engessar apenas aos desejos da figura masculina. Ela passa na obra a deixar em segundo plano as suas próprias satisfações e entregando os seus parceiros dos quais vai colecionando no enredo. Como podemos destacar e perceber que no trecho da obra “Um homem não devia, ao contrário, primar em múltiplas atividades, saber iniciar uma mulher nos embates da paixão, nos requintes da vida, enfim em todos os seus mistérios?” (Flaubert, 1856, p. 37).

Pretendemos com esse trabalho, abordar as possibilidades e atuações do papel feminino na sociedade sob a visão e perspectiva da literatura, de que maneira e sentido ela traz a essa representatividade. Basearemos todos os pontos e aspectos já mencionados a cima que estão presentes na obra analisada, faremos aqui, um breve estudo na tentativa de identificar em *Janela da Liberdade* as passagens femininas e como essas eram apresentadas no contexto da obra. Inclusive, que figura feminina essa literatura trouxe para o seu momento e sociedade.

Esta pesquisa se dá a partir das inquietações que surgiram nas discussões em aulas de literatura e com o orientador. Para assim determinar os caminhos de uma pesquisa que se encaixassem na linha de interesse tanto do orientador quanto para o desejo da pesquisadora em pesquisar literatura. O gosto por literatura definiu as veredas dessa pesquisa, mas exclusivamente pela necessidade e curiosidade da pesquisadora em investigar como a literatura trouxe a figura feminina em seus textos e por compreender a necessidade que há nesse estudo. Uma vez que ao compreender a mulher pela construção da literatura, podemos no atual cenário trabalhar uma nova perspectiva de sociedade e identidade feminina.

O referencial teórico para esta pesquisa será constituído, inicialmente, por autores que analisam e discutem questões sobre a participação feminina na história social e literária, como Nísia Floresta (1990), com os seguintes textos *Opúsculo Humanitário, Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*. Trazendo Reflexões acerca da temática feminina nesse contexto já mencionado. Sobre as marcas culturais, costumes presentes na obra, teremos as contribuições, de Ribeiro (2020) questões acerca do regionalismo e literatura. Trazendo as afirmações em torno daquilo em que o livro analisado aborda, as contextualizadas imagens da região e dos seus modos peculiares de viver.

O trabalho aqui apresentado, está voltado para uma pesquisa totalmente de cunho bibliográfico e documental, analisando a partir de textos e documentos presentes na literatura para levantar as discussões propostas nesta pesquisa. Propomos então no primeiro capítulo uma discussão acerca da literatura romântica e seus aspectos mais relevantes no sentido de demarcação de modos de enxergar e associar a figura da mulher. Ou seja, uma espécie de linha do tempo, na tentativa de mostrar as transformações no que tange o protagonismo feminino nesse caminho na literatura. Além de evidenciarmos aos aspectos regionais com a literatura tocantinense e por fim apresentando ainda nesse tópico um breve resumo da obra *Janela da Liberdade*.

No segundo capítulo, faremos discussões a respeito da trajetória da mulher, com as contribuições das obras de Nísia Floresta, intituladas de: *Opúsculo Humanitário e Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens*, para evidenciar as perspectivas teóricas no coração da imagem e cultura feminina. E por fim o próprio livro *Janela da Liberdade* que será utilizado com objeto de análise para a figura feminina na trama e as questões quem cercam toda a narrativa, como já mencionado: regionalismo, modernismo, papel da mulher e até mesmo as relações de poder exercidas sobre elas.

1. O ROMANTISMO

2.1 O Romantismo no Brasil

No início do século XIX, o Brasil se encontrava em um contexto histórico, político e cultural completamente confuso e disperso. Despertando na classe artística e intelectual, uma insatisfação com a realidade e condições do país. Nesse mesmo momento da história, a classe se apodera do sentimento de nacionalismo, uma das características que vai marcar a primeira geração da poesia romântica. Muitos teóricos afirmam que essas circunstâncias sociais foram fundamentais para o surgimento das novas expressões literárias.

Sodré (1982) compartilha que “só na medida em que as condições econômicas evoluem, refletindo-se na ordem social pela definição de classes e pelo papel que elas representam, conduzindo à formação de uma estrutura nacional de produção, é que surgem as possibilidades para o aparecimento de uma literatura nacional”. E é com essa intenção de delinear a identidade brasileira e inserir em seu povo o estímulo ao nacionalismo que surge o romantismo no Brasil, que era o estilo de arte que dominava a Europa do século XVIII até o século XIX. Cândido (2002), no texto *O romantismo no Brasil* vai destacando essas principais facetas do romantismo no país:

O Romantismo no Brasil nasceu a partir do desejo de definir uma identidade brasileira e estimular o nacionalismo de seus cidadãos. Nessa perspectiva, houve a necessidade de determinar os símbolos nacionais, de forma a forjar uma identidade sem a influência portuguesa. Portanto, os índios e a natureza brasileira foram escolhidos como símbolos da nação. O índio tornou-se, então, uma figura literária heroica em harmonia com a natureza exuberante do Brasil (CANDIDO, p. 85, 2002).

O autor destaca em suas afirmações, que essa tentativa de criar um modelo de nação e fugir desse poder e marcas portuguesas, veio com a intenção de rebelião contra as classes favorecidas e dominantes do país, já que a população passava por conflitos políticos e estruturais. Recriando assim, uma nova identidade com traços originalmente brasileiros, por isso a figura indianista se fez tão forte em inúmeros escritos e expressos literários.

Boal (2005), também contribui para essa afirmação, definindo que “o Romantismo é, sem dúvida, uma reação contra o mundo do burguês, porém apenas contra o que ele tem de exterior, de acidental. Lutava, aparentemente, contra os valores burgueses”. O interesse dos nacionalistas era reconfigurar o contexto sociocultural do Brasil, permitindo traços do que era natural das terras brasileiras e eliminando o que vinha de Portugal. Tivemos alguns principais autores nesse momento e obras que podem ser destacadas, como: José de Alencar: *Iracema*, *O*

Guarani e Ubirajara. Mas de início, o Brasil contou com publicação de *Suspiros Poéticos e Saudade*, de Gonçalves de Magalhães, que poderia ser considerado o pai do romantismo no país mediante a sua escrita e pensamentos para a contribuição da expansão desse período.

O romantismo entra aqui, como uma escola literária capaz de lutar contra ideias e comportamentos de uma nação que estava completamente influenciada pelos ideais e características portuguesas. E dentro dos romances, podemos encontrar o olhar para os quatro cantos do Brasil; com uma escrita que entendia e valorizava diferenças étnicas, linguísticas, sociais e culturais, o que podemos compreender aqui como regionalismo, como no caso desta obra, análise de um romance regional. Pois, além de tudo que já vinha se propondo, o romantismo se expande, com uma nova proposta da qual vai atribuir ao nacionalismo os seguintes aspectos nesse contexto:

Divulgar os costumes e regiões ainda desconhecidas por grande maioria dos leitores daquela época. O sentimento de apreço pelas origens ainda é o mesmo, não obstante nos romances regionalistas, o autor parte do nacional, para o regional. Esse tipo de romance também trouxe à baila uma questão que iria de encontro a postulados da filosofia romântica, pois o romance regionalista foca mais em questões e descrições do coletivo, ao invés de aprofundar-se na subjetividade do próprio autor, visto que a subjetividade era um dos traços mais marcantes das obras românticas, demonstrando-nos mais uma vez as contradições desse período literário (FLÁVIO, p. 8, 2012).

Diante das expressões românticas no Brasil e suas tarefas já mencionadas, podemos compreender que o romantismo demarca uma passagem histórica no país, pois é a partir desse momento que houve uma autonomia nas produções literárias brasileiras. Podendo assim, evidenciar as marcas do Brasil e destacando a riqueza cultural da nação. Dentre vários nomes presentes no romantismo que tinha suas escritas voltadas para a prosa romântica, podemos destacar Visconde de Taunay, vindo de uma linhagem de franceses, torna-se um dos mais marcantes com *Inocência* (1972). Pois, a obra incorpora a cultura, linguagem e costumes mais específicos da região norte. Bosi (2006), em suas conexões contribui com a seguinte afirmação:

Segundo a interpretação de Karl Mannheim, o Romantismo expressa os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a pequena burguesia que ainda não subiu: de onde, as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento (BOSI, 2006, p. 91).

2.2 O Ultrarromantismo

O ultrarromantismo vai se dar entre o período de 1853 e 1869, no Brasil, o que chamamos segunda geração romântica. Essa geração, por sua vez, também levou a fama de *geração mal do século* ou mesmo *geração byroniana*. Esse contexto literário se dava pelas

marcas e expressões voltadas à morte, insatisfação, impossibilidade de viver de maneira digna, com uma ideia e pensamento tolamente egocêntrico, sentimental na exaltação excessiva do pessimismo e inclusive, a insatisfação amorosa.

A segunda geração romântica foi fortemente influenciada pelo subjetivismo byroniano. A vida sedutora do poeta inglês, Lord Byron (1788-1824), cujas suas aventuras incluíam viagens por lugares exóticos, amantes, a morte heroica na Grécia, lutando contra a dominação turca na região, além, é claro, de uma poesia voltada às dores da existência e ao subjetivismo, *só fez alimentar o mito e torná-lo a principal influência da geração ultrarromântica brasileira* (HERNANDES, MARTIN, 2016, p. 230, grifo nosso).

Pois, a principal característica desse movimento ultrarromântico se tratava em primeiro plano, o egocentrismo. Esses autores voltaram-se em seus escritos para conflitos internos, melhor dizendo, para uma literatura que exaltasse o “eu”, e não contemplando o que estaria no mundo e fora de si. Outro aspecto presente nas criações era o exagero sentimental, dando grande espaço para o amor e solidão. O pessimismo sempre esteve nos personagens românticos, inclusive no aspecto que se tratava de não ser correspondido e tendo que lidar com suas frustrações, deixando esse indivíduo em uma realidade completamente degradada (MARINHO, 2021, p.3).

A fuga da realidade também era parte escrita ultrarromântica, e uma das tentativas de fugir do que os personagens viviam em textos e poemas era a morte. Tentando enveredar pelo caminho boêmio, dos sonhos e até própria loucura. E por fim, temos a idealização do amor, onde a figura feminina era destaque nessa obsessão amorosa. Na maioria das vezes esse sentimento alimentado pela amada que é sempre inacessível, torna aquele romance impossível de ser vivido. Esses episódios causaram na época inúmeros conflitos e problemas depressivos em uma porcentagem da população, como alude marinho (2021), evidenciando as influências e proporções em que a escrita alcançou:

Uma parcela significativa da juventude do século XIX encantou-se com a literatura ultrarromântica. Isso ocorreu porque houve uma consonância de sentimentos e perspectivas de vida entre esses jovens e as personagens retratadas nos romances e novelas românticos. O exagero sentimental, o egocentrismo, a idealização da mulher, o pessimismo diante da existência e a vontade de fugir são marcas tanto da ficção do período quanto da própria vida dessa parcela da sociedade. De fato, por exemplo, após a publicação da narrativa “Os sofrimentos do jovem Werther”, de Goethe, muitos jovens suicidaram-se, imitando o destino final do protagonista do livro (MARINHO, 2021, p.1).

O ultrarromantismo não estava ligado apenas às formas, métodos e modelo das expressões de arte e escrita, mas no próprio comportamento e realidade em que a sociedade vivia, dando margem aos problemas que estiveram ocultos por algum tempo. Os principais

autores do Ultrarromantismo que tiveram grande destaque no mundo afora foram: Goethe; Novalis; Lord Byron; Mary Shelley entre outros.

Assim como aqueles que produziam esse tipo de literatura assumiam uma postura boemia nas noites de outros Países, no Brasil, Manuel Antônio Álvares de Azevedo, nasce em 12 de setembro de 1831, na cidade de São Paulo. Álvares de Azevedo, como assim ficou mais conhecido, teve um destaque maior nesse momento entre as escritas brasileiras com as publicações de suas obras consideradas um gênero gótico *Noite na Taverna* (1855), que evidencia o mais triste e sem vida da geração. Pois, a obra vai estar diante de um cenário em que os personagens (um grupo de jovens), passam relatar suas experiências em relação às aventuras amorosas, com um cenário carnal e sensual além de crimes e castigos. Ele certamente foi quem mais produziu uma obra consistente no período.

Alfredo Bosi em seu livro *História Concisa de Literatura Brasileira* (1970), o estudioso vai sustentando que na obra de Álvares de Azevedo podemos identificar e compreender as tendências e evidenciando as ilustrações satânicas que se encontravam nos respectivos contos da obra já mencionada. Como também apontam Abaurre, Pontara (2016), que “em outros momentos, a obsessão pela morte leva esses mesmos poetas a evocar imagens de anjos macilentos, leitos frios e virgens frias etc.”. Destacamos a seguir, um breve trecho de *Noite na Taverna*. Podemos enxergar os traços dessa geração através do seu precursor: “Gennaro, eu te perdôo: eu te perdôo tudo... Eras um infame... Morrerei... Fui uma louca... Morrerei... por tua causa... teu filho... o meu... vou vê-lo ainda... mas no céu... Meu filho que matei... antes de nascer...” (Álvares de Azevedo in: *Noite na Taverna*, 1879 p.7-14).

Para Bosi, o escritor acabou sendo influenciado por Blake e inclusive por Byron no que tange a satisfação pelo fúnebre. Suas outras principais obras são: *Lira dos Vinte Anos*, *Poema do Frade*, *Macário*, dentre outras. Nesse sentido, podemos até compreender que muitos desses boêmios levavam uma vida totalmente solitária, sem muitos ideais, comparando-os com seus próprios escritos. Temos, inclusive como mencionam as autoras, a respeito da pouca vontade de permanência em vida. Álvares de Azevedo, inclusive, morre aos 20 anos. O escritor desenvolve uma grande apatia pela temática da morte, devido à influência que recebe ao ter conhecimento da doença que possuía, que foi a causa de sua partida.

Outro escritor brasileiro que também se fez presente na geração do ultrarromantismo foi Casimiro de Abreu, nascido em 4 de janeiro de 1839, em Barra de São João, no estado do Rio de Janeiro. Assim como já foi dito anteriormente, a morte prematura desses poetas era

completamente presente, o que vai deixar esses jovens ultrarromânticos ainda mais íntimos com a temática e sentimentos da geração, como se observa:

O poeta escreveu uma poesia nostálgica e bucólica, marcada pela simplicidade e espontaneidade, na qual ressaltou seu patriotismo, a idealização amorosa e o pressentimento da morte. Como outros escritores de seu tempo, também contraiu tuberculose, enfermidade responsável pelo seu falecimento, com apenas 21 anos de idade, em 18 de outubro de 1860 (SOUZA, 2021, p.1).

O poema mais famoso de Casimiro de Abreu é *Meus oito anos*, do livro *As primaveras*. Nesse poema, o eu lírico, com nostalgia, idealização e melancolia, fala de sua infância, nesse poema específico, o eu lírico faz uma espécie de resgate a memória, trazendo em seus traços uma grande melancolia ao falar de sua infância. O ultrarromantismo vai ser marcado por essa ideia de desagrado com a própria vida, colocando sobre a morte a única solução para as desventuras, os problemas e temáticas que iam sendo reforçadas a cada escrita dos poetas. “O esforço dos poetas estava em transmitir para o leitor toda a comoção que eles sentiam no momento da inspiração em que compunham os versos” (HERNANDES, MARTIN, 2016, p. 230).

2.3 Literatura Regional do Tocantins

Para tratarmos de literatura regional precisamos compreender em que se define regionalismo. No que tange esse aspecto, ele pode ser entendido de várias maneiras. Entre eles, o regionalismo nesse caso que pretendemos abordar, pode ser definido a partir de uma determinada obra quando se destacam em suas narrativas os contextos rurais, regiões menores e inclusive como uma literatura popular. Representando o modo de um povo, crenças, costumes, conflitos e até um toque de nacionalismo, embora Bosi vá chamá-la de “literatura menor”, o que tem levantado inúmeras discussões no âmbito acadêmico a respeito disso, mas o que sabemos é que a particularidade e cultura de uma determinada parte do país se destaca de maneira que abranjam apenas as características de seu povo.

Albertina Vicentini vai corroborando com essas definições, afirmando o seguinte: “portanto, região, em literatura, tem sido região nos seus aspectos físico, geográfico, antropológico, psicológico, etc., subsumidos na história relatada” (VICENTINI, *apud*. BOSI, 2007, p. 188). A respeito da literatura regional do Tocantins, há ainda hoje, uma dificuldade em defini-la e inclusive acessar aos textos já produzidos no estado por escritores tocantinenses. Mas isso não significa que ela não exista e que não se tenha construído durante todos os anos de sua emancipação e até anterior a isso, uma literatura que tenha documentado o estilo de vida

e cultura dos que já se faziam e se fazem presente na região. Mas há autores como o crítico literário Antônio Candido, que não sustentam a ideia de que há uma literatura regional da qual estamos falando, que seja chamada ou reconhecida por uma só região. “Se não existe literatura paulista, gaúcha, ou pernambucana, há sem dúvida literatura brasileira manifestando-se de modos diferentes nos diferentes Estados” (CANDIDO, 2014, p. 147).

Candido vai dizer ainda, que essa “proposta” de literatura vai surgir exatamente no romantismo, pois foi um momento em que o sertanejo assumiu a identidade de se transformar em herói no que tange o nacionalismo e seus novos modos de pensar e se perceber indivíduo da nação. Podemos destacar a partir da ideia de Candido, que foi nesse mesmo período do qual menciona o crítico, que surgiram as primeiras expressões e manifestações que se encaixam nos ditos aspectos regionais. Mas foi a partir de Euclides da Cunha (1902) com sua obra *Os Sertões* que esse tema do regionalismo ganha destaque.

Como já foi mencionado, há uma difícil tarefa de identificar publicizar a própria literatura tocantinense. Há quem acredite que o processo de formação do estado por ser novo, acaba reduzindo essa velocidade nas exposições e conhecimento dos trabalhos já realizados no estado. Mas que há muito ainda para acontecer nesse percurso que poderá se aliar as tentativas e construções da identidade do estado e em resultado a literatura que vai nascendo da definição dessa cultura:

É importante ressaltar que, considerando a idade e o contexto social do estado, a literatura do Tocantins ainda está no processo de formação. Com apenas 31 anos de criação, o estado ainda passa pelo grande desafio de definir a sua identidade cultural e marcar sua posição como unidade federativa dentro do contexto da república brasileira, apesar dos avanços conquistados, no tocante à consolidação de suas instituições e na construção de sua emancipação política (RIBEIRO *apud* ROCHA, 2020, p.vii).

Em contrapartida, há ainda as ideias que surgem quando pensamos que antes mesmo que o estado entrasse em transe de emancipação, já havia pessoas que estavam se conectando com as artes da região, com as misturas, costumes e compreendendo a partir das suas produções e contextos de vida a sua literatura, a literatura tocantinense, como menciona Martins *apud* Rocha:

Mesmo sendo o Tocantins o Estado mais novo da Federação, há tempos que existe por essas paragens o que podemos chamar de autêntica Literatura Tocantinense, sem medo de errar, pois contamos com aqueles que aqui nasceram, ainda quando pertencíamos à base territorial do Estado de Goiás, quanto aqueles que adotaram o Tocantins como sua morada (MARTINS, *apud* ROCHA, 2020, p. v).

Mesmo que a região que hoje se tornou Tocantins pertencesse a Goiás, não mudou quem já estava na localização, nem os modos e a concepção que tinham sobre a vida e os modos operantes de viver, já que isso define e contribuem de maneira significativa para o tipo de produção literária. Outro fator relevante que mudou e reconfigurou toda a região, foi a intensa chegada de pessoas das mais diversas localidades do país, esses emigrantes perceberam com a criação de um novo estado, a chance de novas oportunidades de refazerem suas vidas. Com toda essa transformação social tivemos um avanço acelerado na literatura regional do estado, já que a partir desse momento o acesso às esferas literárias e educacionais estariam mais próximo a população de uma região que se encontrava ainda desassistida de tais benefícios. A chegada desses novos habitantes movimentou o novo Estado. Magalhães (2008) faz a seguinte afirmação:

O surgimento do estado do Tocantins redesenhou as fronteiras no interior do Brasil, constituindo-se num marco para a produção literária no local. Fruto de uma grande efervescência cultural, resultado do fluxo de pessoas ligadas às artes oriundas de outros estados, da criação de universidades e livrarias, essa literatura testemunha as profundas transformações (...) (MAGALHÃES, 2008, orelha).

Conforme essas mudanças foram se realizando durante o processo de criação do estado e a cultura foi se desenhando a partir desses novos moradores, alguns amantes de literatura e pessoas com sensibilidade para a escrita começaram a voltar suas obras para o novo Estado. Ribeiro, em seu trabalho bem atual, intitulado de *O Processo De Formação Da Literatura No Tocantins* (2020), faz um estudo sobre a literatura no Tocantins. Mas, além disso, o pesquisador faz um levantamento de muitas obras e escritores considerados tocantinenses.

Entre eles, como na prosa e romance o autor destaca *Serra dos Pilões-jagunços e tropeiros*-1995, de Moura Lima, considerado primeiro romance da literatura no Estado; *Mandinga* – Liberato Póvoa – 1998; *Chão das Carabinas* – Moura Lima (2002). No tocante a nomes da poesia: Ribeiro destaca: *Cosmorama* – Jauro Studart Gurgel – 1986; *Fardo Florido* – Isabel Dias Neves – 1995; *Raios de Luz* - Ângelo Bruno – 1995 e na novela: *Morte no Atlântico Sul* – Pedro Albeirice da Rocha – 2017” (RIBEIRO, 2020, p.97-98). O autor destaca ainda em sua pesquisa a preocupação e interesse desses escritores, o quanto esses estavam e continuam comprometidos com a construção da identidade literária:

Pode-se afirmar, portanto, que já é possível perceber no Estado manifestações literárias em vários gêneros e tendências tais como: romance, conto, crônica, ensaio, poesia, conforme veremos mais na frente. É evidente nesse conjunto de obras já existente, uma preponderante preocupação de seus autores com as características culturais locais, as temáticas sociais, as situações econômicas, as marcas dialetais e, em alguns casos, a tensão entre a cultura local e a cultura de outros estados, em virtude

da chegada de pessoas de vários pontos do país em busca de novas oportunidades e que se dedicam à produção literária na região (RIBEIRO, 2020, p. 94.)

Embora a literatura no estado do Tocantins esteja sendo construída e consolidada por um número expressivo de escritores, a divulgação e o conhecimento sobre ainda são tímidos. Há muito o que realizar para que o trabalho regional ganhe destaque e novas dimensões, inclusive, na própria região; para que a partir disso consiga-se mobilizar leitores e mais adeptos as produções literárias regionais. Assim alude Ribeiro (2020) “o Tocantins ainda é um estado jovem, portanto sua produção literária é recente, pouco divulgada na mídia, nas escolas, nas universidades, por isso é desconhecida do grande público e ainda não atua, efetivamente, na Psicologia e nas práticas sociais da população”.

A literatura tocantinense assume desde seus primeiros manifestos o papel de construir as formas, composições e traços literários do povo a partir da cultura que o estado tem se manifestado desde a sua criação e inclusive após a mistura de gerações e regiões. É para isso que se faz necessário que conheçam esses escritos, para compreenderem suas próprias raízes, pois de acordo com Pontes:

Literatura é fenômeno de aglomerados urbanos, de convivência, em que se chocam as tradições com as contradições, de modo que é necessário, antes de tudo, para apreciar a história literária de uma região, pesquisar a formação de seus primeiros núcleos populacionais, urbanos ou rurais (PONTES, 1981, 21).

2.4 O romance *Janela da Liberdade*

O romance *Janela da Liberdade*, sobre o qual se encaminha essa pesquisa, é obra do autor Eliosmar Ferreira Batista. Segundo a biografia produzida por Rocha (2020, p.5960), o autor é nascido do dia 14 de março do ano de 1962, na cidade de Marabá que fica situado no estado do Pará. Eliosmar Veloso, como é conhecido e chamado nas esferas literárias, tem atuação em vários gêneros da escrita, como: na poesia, dramaturgia, teatro e inclusive sendo um dos defensores da bandeira artística de sua geração. O escritor ainda esteve atuante na escrita e direção de mais 30 espetáculos teatrais, dando ênfase na produção norteada para a comédia, mas sem deixar de problematizar as questões voltadas às temáticas sociais.

De 1998-2000, Eliosmar fica responsável pelo Centro Cultural Mauro Cunha, tendo ainda assumido a função ligada à coordenadoria de Artes e Cultura da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Gurupi. Na mesma cidade, localizada no estado do Tocantins, o escritor presidiu a Associação dos Artesãos (1993-95), em 2005-2009 exerceu a presidência da Academia de Letras de Gurupi por dois mandatos em tempos consecutivos. Nessa mesma

organização ele passou a ser titular da cadeira n 2, e em 2016 *Janela da Liberdade* foi selecionado para incorporar a lista literária do vestibular da Universidade de Gurupi (UnirG), uma Instituição Pública Municipal de Ensino Superior.

Eliosmar participou ainda, entre tantos outros feitos, da *Antologia Literária Del'Secchi* 1999, integrando-se ao Colégio Eleitoral do Prêmio Multicultural Estadão de 1998-2002. No seu cargo de coordenador da cultura da cidade de Gurupi, o escritor mobilizou inúmeros projetos durante seu trabalho na organização cultural, entre esses projetos realizados por ele alguns evidenciaram-se os seguintes projetos: o Anuário de poetas e escritores de Gurupi, apresentações de teatro e cursos voltados ao artesanato. Não ficaram de fora as expressões e trabalhos com a música, dança contemporânea e outros estilos.

O romance vai destacar a vida de Marta, uma moça que está prestes completar 18 anos, mas é alguém completamente a frente de sua época e que coloca em confronto todas as moralidades, costumes e comportamentos que as mulheres eram submetidas em sua geração. Marta, a protagonista da história, tem um pai extremamente machista, moralista e de pensamentos arcaicos, o que vai tornar a vida da personagem e dos demais envolvidos uma jornada árdua e complexa. A trama se dá a partir das relações que existem entre o papel da mulher e do homem na sociedade, tudo baseado nos modelos de uma época mais remota e nas concepções que o pai de Marta, Aníbal, tem a respeito do papel da mulher em sociedade. Para Aníbal, as únicas tarefas que cabiam as mulheres e inclusive as suas filhas (Marta, Joana e Mirtes), e sua esposa (senhora Amália) era o trabalho doméstico e o cuidado para com a figura masculina, fosse pai ou marido.

Mas, o cenário em que os personagens vivem no romance e inclusive a jovem Marta, desenrola-se para as frustrações egocêntricas e afrontas contra Aníbal, que durante a história passa por um processo de “ressignificação” de mentalidade. A jovem Marta por sua vez acaba de conhecer a distância, da visão de sua janela, da qual ela mesma no fim do romance vai dizer que aquela janela foi a sua liberdade, um jovem do qual ela se apaixona à primeira vista. Mas como a moça está chegando a sua maior idade, o pai resolve “arranjar” um casamento para sua filha, o que causa muita decepção para Marta, o pretendente acaba não se afeiçoando por casar com ela, pois ela queria alguém que cuidasse dele e de seus filhos que ficara após sua mulher falecer.

Mas ao saber que Marta gosta de outro rapaz, ele finge que casará com ela para apenas ajudá-la a se encontrar com seu amor (Renato). Mas por seu um homem difícil e arcaico, a família de Renato manda-o para estudar fora, para que assim esqueça essa paixão impossível. Marta acaba dando à luz a um filho de Renato e com a ajuda de seu antigo pretendente do qual

seu pai arrumara (Joaquim), ela foge e mantém tudo em segredo da família. Com um mês de nascido, ela tem um plano e deixa seu filho Arthur na porta de casa de seus pais com um bilhete que dizia que a pessoa desconhecida não tinha condições de cuidar da criança.

Após muito tempo Marta volta para a cidade e acaba voltando para a casa de seu pai e para perto de seu filho, mas ainda tudo em segredo. Nesse mesmo tempo Renato volta dos estudos e reencontra Marta, acabam assumindo o namoro e um futuro casamento, com as bênçãos do Sr. Aníbal. Vale destacar que com a chegada de Arthur (um menino), o pai da moça se compadecia de muitas situações aceitando o que para ele era inadmissível. Após o casório Marta e Renato contam a Aníbal que ele era avô do pequeno Arthur e que eles eram os verdadeiros pais da criança.

O desfecho do romance se dá pelo reconhecimento de Aníbal que se não fosse suas concepções e comportamentos inflexíveis tudo poderia ter tomado outros caminhos, mas abraça a família junto ao pedido de perdão. Mais tarde, o pequeno Arthur torna-se médico assim como o pai, e Marta torna-se professora (que era profissão de mulher), como destaca uma passagem da obra. É a partir dessa narrativa e dessas temáticas apresentadas no texto acima, voltada para as reflexões sociais em que viveram e vivem as mulheres em relação à figura do homem na sociedade que faremos uma análise e discussão em torno da obra *janela da Liberdade*. Tentando refletir e relacionar as passagens do texto e as condições em que as personagens vivem com a esfera social.

3. A TRAJETÓRIA DA MULHER

3.1 A Mulher e o Patriarcado

A clássica conduta patriarcal, que exerce grande influência nos comportamentos relacionados aos costumes e crenças da sociedade, tem afetado de maneira direta questões que estão ligadas ao lugar e o papel da mulher nas relações sociais. Os estigmas sobre as atividades e posições em que as mulheres assumem estão em sua grande maioria vinculadas, à figura masculina. No Brasil, o patriarcado silencia o lugar de fala e protagonismo da mulher em inúmeras esferas sociais, segregando e desqualificando a partir de pensamentos ultrapassados o sucesso feminino e sua autonomia. Podemos destacar ainda, no que diz respeito às obras clássicas e literatura, a ausência de representatividade, de maneira em que a mulher esteja em condições iguais ou superior ao homem, seja como autora ou personagem. Assim, já podemos notar a partir das experiências das mulheres, as desigualdades de gênero das quais estiveram e ainda estão submetidas.

Heleieth Saffioti (2004), contribui com suas reflexões a respeito do patriarcado, afirmando haver um problema de dominação sobre as mulheres exercida pelos homens, marcado pelas várias ideias que a sociedade brasileira formou durante toda a sua história. Saffioti, reflete as transformações em suas produções sobre o patriarcal, evidenciando suas ideias e percepções diante do contexto político e social acelerado em que vivenciou durante e a partir de suas teorias. A autora mobiliza as discussões sobre a própria formação da sociedade, embora Saffioti narre o processo e elenque os problemas femininos, ela amplia as problemáticas gerais da sociedade capitalista.

Antônio Candido no prefácio de sua primeira obra menciona que: “O grande mérito da autora foi não separar o problema da mulher dos problemas gerais da sociedade, mostrando como formigaram racionalizações ideológicas aliadas à estrutura e às formas de dominação” (CANDIDO, 2013 p. 28). As desigualdades de gêneros continuam no século XXI, Saffioti (2004), defende que o termo “patriarcal” está ligado à maneira de hierarquizar as relações na sociedade, inclusive, nos contextos onde se faz presente e atuante a mão de obra feminina.

Em muitas situações e contextos, podemos perceber que mesmo que as mulheres tenham ocupado espaços que anteriormente eram apenas assumidos por homens, há uma grande parcela, sem dúvidas a maior, que ainda se posiciona em lugares de dominação e desigualdade. A identidade e perfil social da mulher não se difere do homem, apenas quando se trata da construção de carreiras e atribuição profissional que essa mulher ou esse homem terá que

assumir, papéis que já estão predeterminados pela sociedade, do qual já se espera que devam cumprir conforme o sexo. Como alude a autora, em *O Poder do Macho*: “A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

Em outro momento de suas produções teóricas a respeito dessa pauta, Saffioti discute e ilustra como a sociedade patriarcal insiste em perpetuar uma condição inferior e atribuí-la à figura feminina. Essa é uma abordagem feita há alguns anos pela autora, mas que se reflete pontualmente atualmente, como podemos perceber pelas marcas pejorativas que laçam em cima da luta e bandeira feminista em inúmeros conflitos políticos no Brasil. “Cria-se, então, a imagem da feminista como um monstro que visa a destruir a família e a reduzir os homens à escravidão, numa completa subversão das leis divinas” (Saffioti, 2013, p. 179). Assim, a autora nos mostra como as relações entre o gênero feminino e masculino está abundantemente carregada de autoritarismo, onde a mulher assumir uma postura de defesa de seus direitos ou por condições iguais na sociedade é considerado uma afronta aos valores morais e patriarcais brasileiros.

As contribuições que a autora traz em suas pesquisas vão refletir inclusive para a transformação do pensamento e comportamento da sociedade, luta essa que todas as mulheres estão tentando ampliar nos espaços sociais para conquistar novos patamares e modelos de pensamento. Saffioti nos mostra que já existe o caminho e o modelo de sociedade que se deve formar a partir da igualdade de gênero, coisa que não foi compreendida e praticada pelas gerações passadas, mas que ainda se sustentam com a maneira de educar e formar o pensamento das pessoas nos dias atuais:

O que faço basicamente neste livro é sugerir a todos os jovens -moças e rapazes um novo caminho, conducente a uma sociedade menos injusta, menos iníqua, menos castradora. Embora este caminho possa não ser o melhor, nem mesmo único, para a construção de relações igualitárias de gênero, isto é, entre homens e mulheres, e inter-raciais, ou seja, entre representantes de diferentes raças, sem dúvida é muito superior aos modelos que gerações sucessivas vem repetindo ao longo da história. Desta sorte, a sugestão do caminho está feita. A maneira de trilha-lo constituirá tarefa de cada um (SAFFIOTI, 1987, p. 7).

Em defesa da reparação aos danos em que as mulheres vivenciam apenas por serem mulheres, a autora deixa como sugestão novas práticas e condutas que devem ser assumidas para que o patriarcado não seja mais fermenta de desigualdade e segregação de gênero, mas que haja novas passagens em que as condições sejam iguais e que elas precisam ser exercitadas por cada um, no individual até torná-las coletiva. A relação de poder na sociedade vai além do

que já mencionou a autora e as reflexões aqui apresentadas, ela se sustenta pelo discurso e configuração de sociedade que o patriarcal carrega, não apenas ao gênero masculino e feminino, mas pelo prazer em ser detentor do poder:

A sociedade não está dividida entre homens dominadores de um lado e mulheres subordinadas de outro. Há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens. Isto equivale a dizer que o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira (SAFFIOTI, 1987, p. 9).

No entanto, historicamente grande parte das instâncias da sociedade como a família e igreja, vai introduzindo uma visão pejorativa sobre a imagem da mulher tanto no campo político e social. Segundo Pierre Bourdieu (2002), a sociedade aproveita disso para mascarar, deixar lícito e de maneira invisível a imposição do homem sobre a mulher.

3.2 Nísia Floresta e seu pensamento

Dionísia Gonçalves Pinto, conhecida como Nísia Floresta, assume o posto como escritora em 1831 no jornal *Espelho das Brasileiras*. Desde o início de suas obras e reflexões, tentou compreender e abraçar as causas feministas e assim fica considerada precursora do feminismo no país. Nísia Floresta, assume em suas posições uma forte influência de Augusto Comte, já que ela passou temporada da sua vida em convivência com o filósofo francês durante suas constantes viagens à Europa. Essas marcas de influências estavam ligadas ao protagonismo e importância da figura feminina na sociedade, destacando que as mulheres assim como os homens, também estavam habilitadas da possibilidade de um crescimento positivo nas esferas sociais.

Em sua obra *Direito das Mulheres e injustiças dos Homens* (1832), Floresta vai propondo as mulheres uma nova maneira de se perceberem em sociedade, como alude a autora: “Por que os homens se interessam em nos separar das ciências a que temos tanto direito como eles, senão pelo temor de que partilhemos com eles, ou mesmo os excedamos na administração dos cargos públicos, que quase sempre tão vergonhosamente desempenham?”.

Na luta pelas causas das mulheres, Floresta vai desmascarando a sociedade brasileira e atacando os pontos em que ela percebe não serem cumpridos com os discursos que se proferiam ao longo do tempo: “Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?” (FLORESTA, 1989, p. 43). Nesse sentido, a feminista lança luz às hipocrisias em que o povo

brasileiro se encontrava, onde nem tudo era para todos, inclusive para as mulheres, mas apenas para os defensores da moral e patriarcado.

Como a escritora estava em conexão com o que acontecia fora do Brasil, ela lutava e desejava que sua nação estivesse em mesma linha de transformações e pensamentos dos países progressistas. Isso fez com que Nísia Floresta desenvolvesse interesse ainda pela pauta da educação, tornando uma temática necessária no que se diz respeito aos próprios projetos do governo para que fossem realmente de acordo com os pensamentos liberais. Embora estivesse engajada em desafiar as discussões políticas do país, ela continuava a desempenhar fervorosamente o papel de estimular as mulheres a experimentarem de uma experiência além na luta pelos seus lugares na sociedade:

Mostrai-vos todas generosas, ó mulheres; em vez de gritar contra os erros, e injustiças, dos quais sois vítimas, procurai com vossa natural doçura, com uma bondade inalterável, e com prudentes observações, extirpá-los de seu transviado espírito, e pô-lo no bom caminho, o caminho da felicidade. Será essa a vossa mais digna vingança: será esse o único nobre expediente capaz de preparar-vos uma vida mais condizente com a vossa própria dignidade, e com a vossa verdadeira missão sobre a Terra (FLORESTA, 1997, p. 129).

Em *Opúsculo Humanitário* (1853), Floresta vai voltando suas discussões para as suas percepções em relação ao fracasso que havia se instalado no sistema de ensino naquele momento, inclusive sobre a formação das meninas, que sempre estavam associadas a qualificá-las para o trabalho em salões. Ao mesmo tempo, ela também fazia denúncias ligadas às escolas da corte, das quais se situavam no poder de estrangeiros, pois de acordo com a autora, não estavam raramente preparados a assumirem e desempenharem funções educativas.

Nísia Floresta vai chamando a atenção inclusive dos homens, para as condições em que as mulheres eram submetidas em comparação à figura masculina, sobre o que o poder exercido por eles estava fazendo a elas, expondo assim, as crenças enraizadas que eram associadas as diferenças sexuais e social:

Se em tempos imemoriais os homens tivessem sido menos invejosos e mais interessados em fazer justiça a nossos talentos, deixando-nos o direito de partilhar com eles dos empregos públicos, estariam tão acostumados em vernos preenchê-los, quanto estamos em os ver desonrá-los, e uma mulher, ou na roda dos Advogados, ou na Cadeira Magistral, não seria tão admirável como ver um Juiz grave, languidamente rendido ao lado de sua amante, ou um Lorde bordando um vestido para sua mulher (FLORESTA, 1989a, p.65).

Floresta se preocupava em não deixar as mulheres em desamparo, se colocando em linha de frente das situações e se posicionando para ativar em outras mulheres o inconformismo

da dura realidade que viviam por serem mulheres e não poderem assumir os espaços que desejavam e da maneira que lhes era oportuna.

3.3 Mulher: cama e mesa

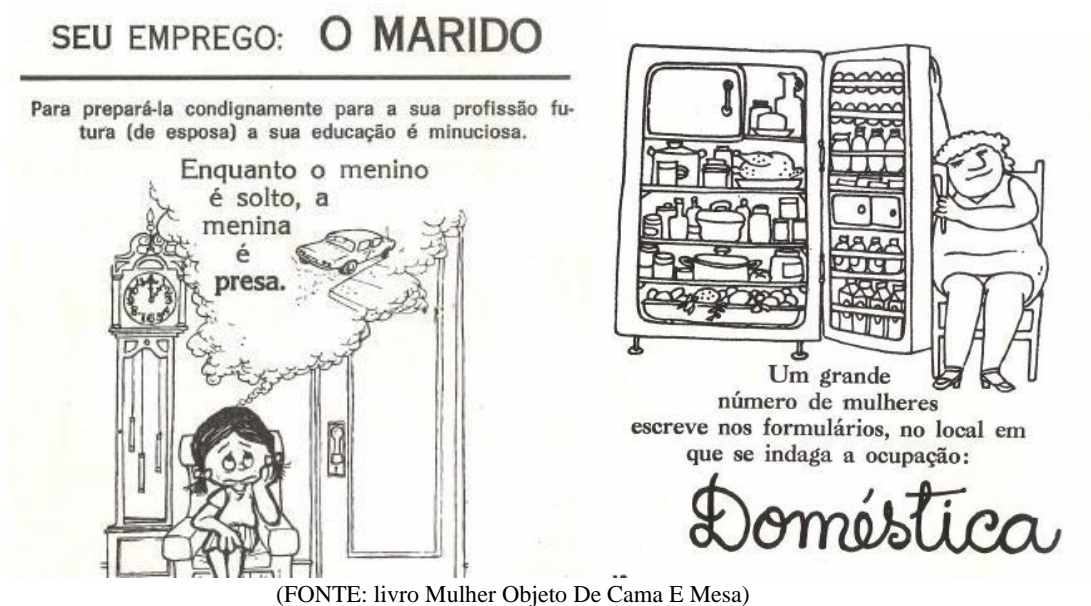
Neste tópico, nos atentaremos para reflexões baseadas na obra *Mulher Objeto de Cama e Mesa* de Heloneida Studart (1969), a publicação da autora vai expor de maneira fiel às mazelas e sofrimentos do contexto feminino. Studart, vai trazendo em suas narrativas as próprias experiências no cotidiano, tanto no espaço do trabalho quanto no seu convívio fora dele. No ano da publicação, a autora evidencia seu choque diante da ideia que formaram sobre a mulher, rotuladas às atividades como dona de casa, cuidadora do lar e alguém incapaz de tamanha inteligência em comparação com o homem. Um ano depois, ao se tornar redatora de uma revista feminina, a escritora afirma que começa a perceber que as publicações destinadas às mulheres eram sempre pautadas em assuntos iguais e desinteressante diante do mundo em que viviam:

Em 1970, voltei ao jornalismo, indo ser redatora de uma revista feminina. Em minha mesa, estava a pauta dos assuntos a serem editados: Como prender um homem pra toda vida; a melhor maneira de aproveitar os vestidos do ano passado, além do teste: Você se considera bonita? (STUDART, 1969, p.8).

A autora relata ainda, que ao fazer trocas de experiências com suas vizinhas em algumas conversas, pôde notar que essas mulheres não sabiam nada do que acontecia além de suas janelas. Mas continuavam na mesma vida em que outras levaram há séculos, apenas interessadas nos modelos de vestidos, receitas de tortas e como cuidar de casa. Como se parecessem incapazes de qualquer tarefa histórica: “enquanto isso, os norte-americanos estavam remetendo outro Apolo à lua; os soviéticos enviavam uma sonda a Marte; dois cientistas italianos pesquisavam a possibilidade de criar bebês em provetas (...) Sobre tudo isso, nenhuma palavra na revista feminina” (STUDART, 1969, p.9).

Diante do que ia sendo publicado, a escritora observava e tirava suas reflexões a respeito de que papel a mulher estava destinada a viver, em uma dessas matérias das quais a Studart menciona, ela nos ilustra com as publicações que iam sendo tiradas dessa revista. Nas imagens abaixo, que estão na coletânea organizadas na obra pela autora, em sua totalidade diminuía o valor e capacidade das mulheres para outras tarefas que não fossem afazeres que já mencionamos anteriormente.

Figura 1



As imagens coletadas da revista, apenas refletem em que condições essas mulheres viviam em seus lares e com seus esposos, muitas antes mesmo de casar já estavam habituadas a esse ritmo de vida. Pois, eram obrigadas a servirem e se diminuírem para a figura paterna, irmãos ou qualquer outro homem que estivesse em seu círculo social.

Como se explicaria, a sexualidade se não seja simplesmente aquilo que permitia a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que ela tenha sido considerada como o lugar do privilegiado em que nossas verdades profundas e lida, é dita? Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer para saber quem conheça seu sexo (FOUCAULT,2004, p.229).

Ao observarmos as afirmações de Foucault, podemos compreender que na sociedade atual as finalidades do sexo, como reprodução e prazer. Isso já nos traz a ideia de como era a sexualidade e a maneira como as mulheres eram tratadas no século XIX e XX, onde o homem era o detentor de todo o poder e onipotência. Com uma sociedade totalmente com valores patriarcais. Como as mulheres tinham apenas o espaço da casa e as tarefas domésticas, conseqüentemente tinha o dever de viverem prontas para as necessidades sexuais dos homens sempre que eles queriam. A autora finaliza a obra deixando explícito que muitas das mulheres têm orgulho ou se sentem bem diante da submissão e diminuição de suas faculdades mentais pelos maridos, mas o que percebemos mesmo nas relações contemporâneas é que a mulher ainda é vista como antes, servirem de cama, mesa e banho ou apenas na cama.

4. A MULHER EM JANELA DA LIBERDADE

4.1 Visão Geral das Mulheres no Romance

Neste capítulo, nos atentaremos apenas com trechos e reflexões acerca da obra *Janela da Liberdade* de Eliosmar Veloso, vai trazendo um enredo completamente marcado pelo machismo, patriarcado e as personagens femininas submissas aos modos de um homem severo e conservador. As mulheres do romance estão sempre sobre o olhar e poder de uma figura masculina, contexto bastante comum para a época em que se narra a história (1962). No início do livro, podemos verificar um trecho onde marca as características e comportamento de Sr. Aníbal, personagem intensamente ligado aos conceitos morais da sociedade:

Para ele, mulher era mulher e homem era homem. Ele era uma dessas pessoas que pensava que mulher tinha que ter cuidado até mesmo para sentar-se, não podia ser de qualquer jeito. Não admitia jamais que suas filhas passassem à sua frente quando ele estivesse conversando com alguém (VELOSO, 2012, P.10).

O processo de segregação das mulheres, inclusive no Brasil, vai sendo ilustrado dentro da obra. Como já dito, os espaços em que as mulheres pertenciam na sociedade patriarcal do país era marcado por inúmeras violências de direitos. A história da mulher nessa sociedade se constrói a partir de muitos conceitos machistas e inferioridade. O comportamento da figura masculina dentro da obra leva as mulheres de seu convívio viverem uma situação bastante venerável e inclusive, convivendo com os medos e receios, sem liberdade e exercício da vontade própria. Essas mulheres não tinham escolha, não tinham poder de decisão ou opinião em qualquer assunto relacionada a família, ou fora dela. O que podemos observar diante de todos os discursos do personagem citado acima e das condições em que essas mulheres respondiam a Aníbal, que as mulheres não serviam para muita coisa que não fosse os afazeres domésticos e servir aos homens da casa. Como destacamos a seguinte passagem:

As duas mais novas, pela pouca idade e a mais velha, sentiam seus desejos, tinha seus admiradores, mas não tinha coragem de se aproximar de nenhum deles. Como nunca tinha trabalhado, nem mesmo no armazém do seu pai, também não tinha profissão; apenas ajudava sua mãe nos afazeres domésticos, pois para seu pai, mulher tinha que ficar em casa; trabalho era coisa de homem; a mulher servia apenas para cuidar da família, da casa e para reprodução (VELOSO, 2012, p.14).

As imposições sobre a vida da mulher e as escolhas das quais elas não poderiam fazer são elementos fundamentais a serem refletidos, já que a trama se desenvolve por uma das personagens, Marta, se apaixonar por alguém que não era escolha do seu pai. Essa era outra situação pertinente na realidade das mulheres da obra e da sociedade moldada nos costumes

patriarcais e arcaicos, onde o pai era o responsável por escolher com que as suas filhas iriam se casar. Em *janela da liberdade* podemos observar esse evento pelo seguinte trecho “Hoje à noite o Joaquim vem aqui, quero que receba ele muito bem. Se ele gostar de você, vamos fazer o casório o mais rápido possível, você já vai completar dezoito anos e moça nessa idade só pensa no que não presta”.

Vale desatacar ainda, que essa imposição e falta de autonomia para escolher o conjugue era apenas relacionada a mulher, os homens não tinham essa interferência paterna, eles apenas faziam suas escolhas e decidiam com quem se casariam. As mulheres no contexto do romance também eram proibidas de se interferirem ou participarem de qualquer assunto dos quais os homens achavam que eram os únicos a terem entendimento ou poder para realizar tal discussão. Quando a personagem Marta questiona a atitude do pai de “arranjar” um casamento para ela e de quem seria o pretendente, podemos observar essa falta de inclusão das mulheres em tomada de decisão ou determinados assuntos dos quais também lhes diziam respeito e suas próprias vidas.

Mãe, a senhora sabe quem é esse homem que vem me conhecer? -Não. Seu pai não fala dessas coisas comigo. Você sabe, para ele isso é assunto de homem. Como a senhora aguenta viver assim, mãe? Não tem direito a nada, não sai de casa, só trabalha e cuida de nós e do papai, como a senhora agüenta isso? (VELOSO, 2012, p.18).

Embora Marta e as outras mulheres tivessem outras vontades e desejos, ainda assim o papel de escolha era do homem, a personagem por sua vez, não estava de acordo com as decisões do pai e não se sentia feliz pela obrigação de conhecer alguém do qual ela não estivera apaixonada. Mesmo com um pai severo e machista, Marta não se conformava com todas as atitudes de Aníbal. No trecho abaixo, durante um breve diálogo com seu futuro pretendente, do qual o pai arranjara, ela expõe a sua insatisfação em cumprir com um capricho do qual não era seu.

-Não, isso não é só timidez, você parece não ter gostado de me conhecer! Não gostou de mim? Pareço velho demais para você, não é mesmo? -É que eu mesma gostaria de escolher meu marido, o senhor há de entender que essa é uma situação constrangedora. Eu não concordo com os métodos do meu pai (VELOSO, 2012, p.20).

O contexto vivido por marta, sua mãe Amélia e suas irmãs era de infelicidade, submissão, em um lar completamente opressor onde eram incapazes de assumir o protagonismo de suas próprias vidas. Em toda a convivência familiar, seu Aníbal nunca fora contrariado até o momento em que Marta compreende que não poderia viver como outras mulheres viviam, e

inclusive como a sua mãe. Ao perceber que poderia levar um destino diferente, a moça passa a tentar se libertar das imposições moralistas e patriarcal em que viva em sua casa, influenciando sua mãe a se posicionar diante das ações abusivas de seu pai. Como podemos observar no seguinte trecho, Amélia desafiando o marido:

-Já estou ficando cansada, Aníbal. Eu tenho que respeitar você como se fosse meu pai. Você é só meu marido e isso a partir de agora vai ter que mudar. Não vou mais me sujeitar aos seus caprichos e suas ignorâncias. Responde brava dona Amélia. - Olha aqui, mulher, vê se me respeita, você sabe que eu não admito mulher falar assim comigo. -Você passou vinte anos me obedecendo e não é agora que vou permitir que aconteça alguma rebeldia (VELOSO, 2012, p.26).

Atitudes assim como a de Amélia eram completamente raras, pois era natural que as mulheres obedecessem aos maridos de maneira em que a figura masculina estivesse sempre em protagonismo, levando em suas mãos as rédeas e manual de como as mulheres deveriam se comportar e agir diante da presença de um homem. A visão e posição em que as mulheres eram colocadas no contexto e época em que se narra a história, não estava nada diferente da realidade de milhares de mulheres em todo o mundo, pois em todas as esferas sociais apenas homens se destacavam e ocupava lugares estratégicos. Sobrando para as mulheres as atividades domésticas, oferecer satisfação aos homens e a maternidade.

"-Estou mesmo ficando velho, onde já se viu, minha mulher me enfrentando, tendo vontade própria, eu que sempre pensei por ela, como se atreve? Mas isso não vai ficar assim não. -Pensou seu Aníbal" (VELOSO, 2012, p.27). Esse trecho trata justamente do que falamos anteriormente, não era natural que mulheres se posicionassem ou demonstrassem insatisfação diante de algum comportamento, ou decisão masculina. Na fala de Aníbal, fica evidente a postura que era assumida pelos homens e detrimento às mulheres, o silenciamento em que as mulheres viviam não dava voz e oportunidades de escolha ou qualquer autonomia diante da sociedade.

O poder de ir e vir da mulher também não estava nas ideias formadas sobre como uma mulher deveria viver. No romance, as mulheres não saíam de casa sem estarem acompanhadas ou na justificativa de uma necessidade para irem à rua. As filhas de Aníbal não saíam de casa, não conheciam a sensação de serem livres. Na passagem a seguir podemos refletir o que a sociedade achava de mulheres que se permitiam a saírem de casa quando bem entendessem: "- Boa tarde, Joaquim. Veio trazer o anel de noivado de Marta? Pergunta com semblante sério. - Sim. Ela está? - Claro que sim. Você pensa que minha filha anda vagabundeando na rua? Claro que ela está, vou chamá-la. Sente-se! - Ordena e sai" (VELOSO, 2012, p. 31).

As reflexões que tiramos desse trecho, nos mostra que as mulheres não eram bem vistas e bem faladas, caso fossem habituadas a momentos de lazer fora de casa, mas não era essa realidade que Marta gostaria de viver, mesmo que tudo o que pensava fosse contra os princípios de seu pai e grande parcela da sociedade. No trecho do romance que trazemos a baixo, revela de maneira geral em que condições as mulheres eram submetidas quando estavam sob um lar totalmente machista, patriarcal e definido por posturas severas:

-É o seguinte: O pai da Marta é muito ciumento e preconceituoso, tanto que chega a ser ignorante. Ele ainda está no século passado. Para ele, mulher é propriedade do homem. E para seu castigo, Deus lhe deu três filhas e nenhum filho. A esposa e as filhas são tratadas como objetos. É ele quem manda nelas, que só podem fazer o que ele quer e só falam se ele der permissão (VELOSO, 2012, p.40).

Nesse sentido, podemos afirmar que as mulheres estavam sempre em condições desfavoráveis, nascidas e criadas apenas para servir, independente dos seus sonhos, desejos e vontades, a elas restavam apenas obedecer. E era nessa perspectiva de submissão ao homem que elas desempenhavam suas atividades, na intenção de oferecer aos seus senhores pais ou senhores maridos, uma postura de muita dedicação, e honrosa imagem.

4.2 Comentários em torno da personagem Amélia

A personagem Amélia, que sempre estiveram cumprindo fielmente aos comandos e ordens do marido, passa por algumas transformações dentro do romance. A mulher aqui da qual destacamos, casou-se muito cedo, sempre vivendo em condições de submissão e sempre enxergou de maneira natural tudo o que era imposto pelo seu marido. Podemos iniciar essas discussões pelo motivo em que Amélia ainda tinha em conviver com Aníbal e continuar debaixo de suas ordens. “Esta por sua vez, era uma mulher totalmente submissa, mantinha-se sempre no seu lugar, ou pelo menos no lugar que imaginava ser o seu. Chamar seu marido de “meu bem”, “querido” (VELOSO,2012, p.10).

A vida que levava realmente não o agradava, tinha consciência de que sua realidade não o satisfazia, mas como milhares de outras mulheres, decidia por não deixar o lar e continuando a servir seu esposo. Como destacamos a seguir, a fala de Amélia à sua filha, as razões com que faziam ela ainda permanecer ao lado de um homem tão rigoroso e machista: “Você sabe que não conto nada para seu pai. Aliás, praticamente nem mesmo conversamos, e sabe também que só vivo com seu pai por dois motivos: primeiro, por causa de vocês; segundo, por medo de me separar dele, pois sei do que é capaz” (VELOSO, 2012, p.52).

Ainda hoje, a dependência financeira, emocional e o medo tem impedido de que muitas mulheres se tornem livres e independentes, como aconteceu com Amélia, que mesmo desejando uma vida diferente, não se dispõe à tentativa de desafiar o marido e deixá-lo para trás. Mas à medida que Marta, sua filha, vai trabalhando na construção de outro destino para a sua vida, Amélia começa a despertar e se posicionar diante de algumas situações com o marido no romance, deixando Aníbal inconformado com aquela situação. Cada vez que ela o enfrentava percebia que algo dentro dela e no próprio marido passava a mudar, a coragem foi tomando conta de Amélia, pois passara toda a vida tendo que apenas ouvir mesmo quando tinha algo a dizer.

“Estava aqui pensando: É melhor apressar o casamento da Marta, pois as coisas estão fugindo do meu controle. Agora até você já anda me enfrentando. Estou mesmo ficando velho... até parece que você perdeu a noção. -Responde seu Aníbal” (VELOSO, 2012, p.64). Amélia passa a perceber que a partir da sua mudança de postura, o marido começa a ser mais cuidadoso com a maneira de falar, mesmos sendo notório toda a sua frustração por estar perdendo o controle da situação dentro de sua casa. Ainda que ela sentia certa surpresa com as novas atitudes de Aníbal, ficava feliz após tantos anos sendo tratada de maneira inferior pelo marido, agora poderia enxergar uma possibilidade de ser reconhecida e também ter voz em seu próprio lar.

Dona Amélia estranha a reação do marido, pois aquilo jamais havia acontecido. Quando ele falava com ela era apenas para reclamar, dar broncas e agora estava começando a mudar suas atitudes. Era tudo o que ela sonhava, fazê-lo entender que ela e suas filhas eram gente e dotadas de inteligência, coisa que ele não reconhecia, pois até então só pensava que as mulheres nasceram apenas para servirem aos homens (VELOSO, 2012, p.65).

Amélia nunca esteve satisfeita com os posicionamentos do marido, das escolhas que ele fazia, mas que as levavam a viver sem prazer e completude dentro do casamento, suas tarefas e funções naquela casa sempre foi viver em função de cuidar do marido e das filhas. Em vários momentos dentro da narrativa do romance, Amélia mesmo percebendo as condições em que sempre viveu com as filhas e compreendendo que as interferências e colocações de Marta estava certa, ela tinha receios de tentar novas posturas.

Precisamos destacar ainda, que em alguns momentos da obra há a reprodução do machismo pela própria figura feminina, Amélia. Pois, muitas mulheres acostumaram de tal maneira com as imposições e formas em que a sociedade constrói a relação de homem e mulher, que elas não só aceitam, mas como reafirmam alguns discursos. Como o do seguinte trecho do romance:

Está vendo, Aníbal, como estamos vivendo bem? Em paz, sem brigas! Lembra dona Amélia. -Realmente mulher, a vida assim é bem melhor. Mas é tudo por causa de Artur, que chegou para trazer a paz para esta casa. -Foi mesmo. Depois que Artur chegou você melhorou de humor, começou a viver melhor a vida e deixar os rancores de lado (VELOSO,2012, p.123).

No trecho destacado acima, percebemos que Amélia ressalta a importância de outra figura masculina em um lar para que haja a paz e harmonia. Mesmo que o casal tenha filhas, não foi o suficiente para completar o coração do marido. Mas como dito anteriormente, a personagem passa por uma mudança de comportamentos e sai de uma mulher inteiramente passiva para uma mulher ativa, participativa e que mesmo timidamente começa a lutar por algumas melhorias nas suas condições de esposa, mãe e acima de tudo mulher.

“Seu Aníbal já a chamava para passear, fazer compras e para ir a festas, o que acontecia só quando ele resolvia levar Artur também, mas já era um grande passo em busca da liberdade que todos almejavam” (VELOSO, 2012, p. 124). As mudanças que estavam acontecendo diante dos olhos de Amélia eram certezas de dias melhores, mesmo que muito do que acontecia com o passar dos dias para era consequência da presença de um menino, mesmo assim a mãe de Marta aproveitava para desfrutar de algo que nunca tivera na vida.

A personagem ao se encontrar no início do romance como uma mulher cheia de medos, traumas, submissões e sem vontade própria, mas que com a força e coragem de outra mulher, passa a mudar a sua realidade e permitindo-se a levantar voz e ocupando novos espaços dos quais não se pensava em ocupar. Amélia representa milhares de outras mulheres que ainda na sociedade contemporânea estão em desvantagem diante dos seus cônjuges apenas por serem mulheres e não serem compreendidas ou mesmo não terem oportunidades de compreensão, ou expressão. A personagem vai representar ainda, aquelas que de alguma maneira perceberam que podem ter condições parecidas as de seus parceiros, mas que ainda estão limitadas a espaços maiores.

4.3 A personagem Marta

A protagonista da obra, Marta, teve responsabilidade por todo o percurso da narrativa e inclusive sobre aos novos comportamentos dos demais personagens de *Janela da Liberdade*. Marta se destaca no romance por conseguir enxergar novas possibilidades de viver, das quais essas possibilidades fossem completamente diferentes da que estava acostumada a junto com

sua mãe e irmãs. Tudo se dá a partir de uma paixão, que inicialmente era impossível e proibida, já que a rigidez de seu pai não a permitiria alguns caprichos e desejos.

Como nunca tinha trabalhado, nem mesmo no armazém do seu pai, também não tinha profissão; apenas ajudava sua mãe nos afazeres domésticos, pois para seu pai, mulher tinha que ficar em casa; trabalho era coisa de homem; a mulher servia apenas para cuidar da família, da casa e para reprodução. Mas, acredito que todos nós nascemos (VELOSO, 2012, p.11).

Marta desde muito cedo percebe que as mulheres estavam sendo formadas e criadas com a intenção apenas para servir, inclusive as mulheres de sua casa, mas não era esse o destino que queria que fosse reservado para ela. E diante de uma reflexão mais profunda e desejo de liberdade da qual nunca teve em seu lar, ela vai enfrentando muitos desafios apenas para não viver com a sua liberdade privada e casar-se com alguém que não fosse apaixonada.

Uma das primeiras de muitas frustrações da personagem é a escolha de um provável futuro marido, do qual o pai estava a arrumar “-E aí, senhorita Marta, seu pai me procurou dizendo que você está para completar a idade de casar e me convidou para vir conhecê-la, mas estou achando a senhorita um pouco triste” (VELOSO, 2012, p.20). Podemos observar que o pretendente que o pai de Marta “arranja” para que ela se case, mesmo não sendo tão patriarcal quanto o pai dela, discursa que o que ele procura é exatamente aquilo que ela tenta fugir dentro do seu lar, cuidados e afazeres domésticos:

-Você é uma garota muito bonita, mas eu também acho você muito jovem para mim. Você ainda não tem nem dezoito anos completos e eu já tenho trinta e cinco, tenho dois filhos lindos. Preciso encontrar uma mulher com mais experiência para cuidar de mim e dos meus filhos (VELOSO,2012, p.21).

Marta jamais se sentiria completamente feliz com a realização daquele matrimônio, pois era outra perspectiva de vida que ela procurava nesse momento. A imposição do casamento deixa marta totalmente angustiada e desesperada, inclusive por já estar apaixonada por outro rapaz. As condições sociais em que ela estava inserida naquela situação não a permitia ser contra as ações de seu pai, mesmo que ela jamais viesse a concordar com seu Aníbal em relação ao casamento. As insatisfações misturavam-se juntamente com o desejo de se libertar e construir seu próprio caminho, baseado em decisões que fosse suas e não imposta por outros homens.

-É pela situação em que eu, minha mãe e minhas irmãs vivemos. Esse negócio de casar com homens escolhidos pelo pai, dificilmente dá certo. Eu não nasci para ser infeliz. Sonho com o dia em que conquistarei minha liberdade e possa namorar com quem eu realmente goste, com uma pessoa escolhida por mim. Desabafa Marta (VELOSO, 2012, p.35).

A questão do casamento vai mudar tudo o que Marta já havia planejado para ela antes, acelerando toda a sua trajetória como mulher. Após a gravidez indesejada a personagem se vê sem saída para seus problemas, pois conhecia o pai e a sociedade que tinha, para todos seria uma vergonha uma mulher solteira esperando um filho. Marta então cumpre com aquilo que sempre sonhou, realiza sua saída debaixo do poder machista de seu pai e então deixa uma carta a sua família:

“Querida mamãe e irmãs, diante de tudo o que sofremos nesta casa, não me resta outra solução senão ir embora daqui. Tenho que ir em busca da minha felicidade. Se eu ficar, jamais viverei como sempre quis: livre e feliz. Jamais poderei escolher o homem que quero para ser pai dos meus filhos, pois papai insiste em fazer essa escolha por mim”.

No final do romance, Marta consegue se formar, mas a obra também vai trazendo as reflexões acerca da mulher no mercado de trabalho e todos os estigmas em que a figura feminina enfrentou e enfrenta no tocante as escolhas de profissão. “Marta começou seus estudos, que até antes de engravidar eram feitos em casa, formou-se em Magistério e assim como a sogra, foi dar aulas na Escola Tiradentes” (VELOSO, 2012, p.180). Aqui podemos perceber as definições do que seriam as profissões em que as mulheres estavam habilitadas a exercerem, já que os homens ocupavam outros cargos de estratégia na sociedade.

A janela da liberdade de Marta foi a sua força e vontade de lutar pelos seus direitos e deveres, ela viu em um horizonte real a possibilidade de não se conformar com a realidade em que sempre viviam as mulheres de seu contexto social. Mas foi ousada e teve coragem de fazer por si o que sabia que era capaz de fazer, ir em busca da sua felicidade e não viver apenas para servir. “-É que eu estava aqui olhando para casa dos meus pais e não me contive quando vi a minha “janela da liberdade”. Afinal, foi através dela que tudo começou” (VELOSO, 2012, p.182).

Marta do romance, evidencia e representa milhares de mulheres que se levantaram e se levantam contra o machismo e imposições da sociedade, marcando seu próprio território e levantando voz contra as injustiça e falta de espaço em todo o mundo. A personagem em meio a tantas dificuldades não se limitou pelos pensamentos arcaicos e a pressão do pai e da sociedade, mas olhou para a sua liberdade e para o que ela acreditava, que eram condições melhores para viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacamos nesta pesquisa, o romance *Janela da Liberdade*, que traz traços do romantismo e do ultrarromantismo e ainda com alguns aspectos regionais, vai concentrando as suas temáticas para as relações, consequências, posições em que o machismo e os conceitos patriarcais têm marcando a trajetória das mulheres. A obra nos mostra em toda sua narrativa, discursos totalmente intolerantes, carregados de preconceitos e concepções desagradáveis a respeito do papel da mulher na sociedade.

O livro vai construindo os personagens de maneira que se nota como a sociedade foi moldada e educada a tratar as mulheres. Tratando-as de maneira inferior aos homens, colocando-as em posição social desprivilegiada, denunciadas através da literatura as várias formas de violência em que são submetidas as mulheres por seus parceiros e sistema patriarcal. O trabalho resulta em ideias e reflexões que nos propõe a enxergar em que sentido as pautas em prol do feminino está dentro da literatura, trazendo narrativas tão atuais com modelos de comportamentos e costumes que ainda estão arraigados em parte das esferas sociais.

Eliosmar Veloso valorizou na obra as contradições e problemas sociais relacionados no que as mulheres da obra destacado na narrativa, passava e continuam a passar. Embora podemos perceber na obra analisada como era o comportamento da figura feminina e o poder exercido pelo homem, temos a literatura fazendo seu papel de documentar a história mesmo que feita a partir de uma ficção. Diante do que já foi exposto e analisado, a obra nos traz de que maneira a representatividade da mulher tem sido construída dentro da literatura e como esse protagonismo veio sendo desenvolvido junto com as transformações sociais e os pensamentos da nova geração.

O romance que narra as vivências da personagem principal, cria a partir dela, uma nova perspectiva de mulher, de seus novos pensamentos e posturas diante das imposições e modelos ultrapassados, assim, nos propomos a conhecer problemas sociais destacados dentro do livro janela da liberdade e conseguimos compreender as reflexões em que o autor levanta nas discussões. Mostrando de que tamanho a força da mulher e suas conquistas em decorrer de suas lutas as levaram para novos patamares em relação ao contexto em que as personagens estavam inseridas dentro do romance. Diante das reflexões e temas abordados neste trabalho, compreendemos a partir de um estudo bibliográfico e documental, conseguimos refletir o papel e a criação da identidade da mulher dentro da sociedade.

Portanto, tal pesquisa possibilitou ter uma visão ampliada dos comportamentos masculino e as condições das mulheres dentro do contexto social, além das contribuições dos

autores aqui citados, para compreendermos a literatura em seu percurso histórico, quanto para uma literatura regional e o protagonismo da mulher.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, PONTARA. **Contexto, Interlocução e Sentido**- 3 ed. -São Paulo; Moderna, 2016.

_____. **História Concisa de Literatura Brasileira**. 1970.

ALVES, Roberta Hernanes. Martin, Vilma Lima/ **Veredas da Palavra**—1 ed.-- São Paulo: Ática, 2016.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura brasileira**. 1994 cap. VIII.

COELHO, N. C. (1989). **Tendências atuais da literatura feminina no Brasil**. Em Coelho, N. N. Feminino singular (pp. 4-13). São Paulo: GRD

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas FFLCH / SP, 2002. 105p.

_____. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2014.

FLAUBERT, G. (1856). **Madame Bovary**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

FLÁVIO, Júlio. **Romantismo: A Formação da Literatura Brasileira**. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. São Paulo: Cortez Editora, 1989

MARINHO, Fernando. "**Ultrarromantismo**"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/ultra-romantismo.htm>. Acesso em 29 de junho de 2021.

MARINHO, Fernando. "Segunda geração do Romantismo"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/a-segunda-geracao-romantismo.htm>. Acesso em 30 de junho de 2021.

RIBEIRO, José Manoel Sanches da Cruz. Prefácio in ROCHA, Pedro Alberice. **Literatura Tocantinense: entrevistas**, volume 1. Gurupi: Veloso, p. 90-102, 2020.

RIBEIRO, José Manoel Sanches da Cruz. O processo de formação da literatura no Tocantins. In Revista Querubim-Universidade Federal Fluminense- ano17-ColetâneaMarço-2021.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Leitura de textos de autores tocantinenses. Goiânia: Kelps, 2008 (orelha).

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

SOUZA, Warley. "**Casimiro de Abreu**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/casimiro-abreu-1.htm>. Acesso em 29 de junho de 2021.

VICENTINI, A. **Regionalismo literário e sentidos do sertão**. *Revista Sociedade e Cultura*, Vol. 10, N. 2, p. 187-196, jul.-dez. 2007.